

Maria Luísa Malato  
Borrvalho

---

Teodoro de Almeida



# Teodoro de Almeida

## *Entre as histórias da História e da Literatura*

Por Maria Luísa Malato Borralho

Teodoro de Almeida é hoje um entre muitos paradoxos da fortuna literária. Polígrafo oratoriano do Iluminismo católico português, estendeu a sua obra por vastos domínios do saber: filosofia (ontologia, ética, metafísica, lógica, e até psicologia), religião (parenética e teologia), ciências físico-naturais. Cultivou o verso e a prosa literária. Os seus livros de filosofia natural, sucessivamente reeditados, foram os principais responsáveis pela divulgação dos conhecimentos científicos entre os leitores do século XVIII. Uma narrativa sua, de 1779, *O Feliz Independente do Mundo e da Fortuna*, teve leitores fiéis durante cerca de cem anos. E todavia, de uma vida cheia e obra vasta, hoje pouco resta nas actuais referências da nossa cultura.

Se, nos estudos de pendor histórico-cultural, ainda vai havendo quem se interesse por ambas<sup>1</sup>, já no domínio dos estudos literários, ou ainda mais precisamente nos teórico-literários, é quase unânime o silêncio<sup>2</sup>. Tal raridade e tal silêncio parecem-nos ainda mais injustos quando se confundem com a indiferença ou tão só com o esquecimento. Entre a História da Cultura portuguesa e a História da Literatura, entre o conhecimento do evento e o conhecimento do literário existem muitos laços insuspeitos. Pelo menos tantos como as histórias que unem historiadores a *estoridores*.

<sup>1</sup> Citem-se a título de exemplo, Fernando AZEVEDO - *Teodoro de Almeida (1722-1804) and the portuguese enlightenment*, Ann Arbor (Mich.), University Microfilms International, 1982, fac-simile do microfilme. Do mesmo autor, "A piety of the enlightenment: the spirituality of truth of Teodoro de Almeida", sep. *Didaskalia*, 1975, vol. V, pp. 105-132; M. Leopoldina AZEVEDO - P? *Teodoro de Almeida. Subsídios para o estudo da sua vida e obra*. Dissertação de Licenciatura em Ciências-históricas, F.L.U.C., 1959. Dactil.; Francisco Contente DOMINGUES — "Um projecto enciclopédico e pedagógico: a 'Recreação Filosófica' de Teodoro de Almeida" in *Revista de História das Ideias*, Coimbra, I.H.T.I., 1988, vol. X, pp. 235-248 ou *Ilustração e Catolicismo...*, Lx, Colibri, 1994; os trabalhos sobre a recepção do autor de Marie-Hélène PIWNIK, v.g., - *Tes souscripteurs espagnols du Pf Teodoro de Almeida (1722-1804)* in *Bui des Etudes Portugaises et Brésiliennes*, Nouv. série, Paris, 1981, t. 42, pp. 95-119; "Une entreprise lucrative: les traductions en espagnol du Père Teodoro de Almeida" in *Arquivos do Centro Cultural Português*, Lisboa-Paris, Fundação C. Gulbenkian, 1992, vol. XXXI, pp. 199-206; ou os de Robert RICARD - "Sur la diffusion des oeuvres du P. Teodoro de Almeida" in *Boi. Internac. de Bibliografia Luso-Brasileira*, Lisboa, F. C. Gulbenkian, vol. IV, n.º 4, Out.-Dez. 1963, pp. 626-630 e vol. V, Out.-Dez. 1964, pp. 632-634.

<sup>2</sup> Ressalvem-se os ensaios, embora numa visão predominantemente culturalista, de Hernani CIDADE - *Lições de Cultura e Literatura Portuguesas*, 7ª ed., Coimbra, Coimbra Ed., 1984, 2ª vol., pp. 327-331; J. Prado COELHO in *Dic. de Literatura*, 3ª ed., Porto, Ed. Figueirinhas, 1978, vol. I, p. 42; e mais recentemente, M. Zulmira SANTOS - "O Feliz Independente..." do Pf Teodoro de Almeida: a teoria literária como forma de cultura no século XVIII", sep. da *Revista da Faculdade de Letras / Línguas e Literaturas*, Porto, 1987, Anexo I, pp. 179-191, *Literatura e Espiritualidade na obra de T.A.*, tese em preparação, e "Orientações e Instituições Culturais (1750-1815)" in *História de Portugal*, dir. A. M. Oliveira Marques, vol. III, org. Luís A. Oliveira Ramos, Lisboa, Presença, 1999.

Um manuscrito, conhecido mas ainda inédito, guardado na Torre do Tombo<sup>3</sup>, é a fonte mais pormenorizada para a sua biografia. Nasceu o P.<sup>o</sup> Teodoro de Almeida a 7 de Janeiro de 1722, no dia de S. Teodoro, que lhe deu o nome. No dizer de Barbosa Machado, "com resolução mayor que a idade, pois não excedia a de treze annos, vestio a roupeta de S. Filippe de Neri"<sup>4</sup>, a 11 de Abril de 1735, sendo ordenado em 1744. É sabido quanto as duas décadas seguintes, o seu período de formação, correspondem ao crescimento da própria congregação entre nós. A nova casa, às Necessidades, concedida pela benemerência régia, em 1745, dotada de inovadores e bem apetrechados laboratórios de Físico-Químicas, transformou-se num centro de divulgação das novidades científicas do século. E este entusiasmo da roda do Oratório era também alimentado por polémicas que, entretanto, alguns membros - António Pereira de Figueiredo, Manuel de Macedo, Joaquim Foyos, Cândido Lusitano... - foram travando com os seus mais directos rivais na educação nacional, os Jesuítas.<sup>5</sup>

Teodoro de Almeida teve por mestre o P.<sup>o</sup> João Baptista de Castro. Por amigo constante o P.<sup>o</sup> João Chevalier, sobrinho de Luís António Verney. Em 1748, era sócio da Academia Litúrgica de Ritos e História Eclesiástica, fundada no Mosteiro de Santa Cruz, em Coimbra. Com apenas vinte e quatro anos de idade, regia a Cadeira de Filosofia, sendo já professor substituto entre 1748 e 1751. Fazia o pasmo da família real e nobres com as suas experiências na Corte ou durante as sessões públicas nas Necessidades<sup>6</sup>.

É nesse contexto que, em 1751, publica o primeiro tomo da *Recreação Filosófica*. Cientificamente, não era um livro inovador. Mas retoricamente, era muito diferente dos

<sup>3</sup> [DÂMASO, Joaquim] - *Vida do P. Theodoro de Almeida da Congregação do Oratório de Lisboa, Fundador do Convento das Religiosas da Visitação de S<sup>ta</sup> Maria no sitio da Junqueira, e o que mais trabalhou para de novo ser povoada a Casa do Espirito Santo da Pedreira depois de reedificada sobre as minas da que pelo terramoto de 1755, e incêndio, que se lhe seguiu ficara destruída*, A.N.T.T., Ms. Livraria 2316.

<sup>4</sup> Cf. MACHADO, Diogo Barbosa de - *Bibliotheca Lusitana*, Lisboa, Off. Ignacio Rodrigues, 1752-1759, vol. III, pp. 713-714 e vol. IV, p. 271.

<sup>5</sup> Cf. o testemunho epocal de Correia GARÇÃO - *Obras Completas de...*, pref., fix. e notas de António José Saraiva, Lisboa, Liv. Sá da Costa, s.d., t. II, p. 163, "Oração Terceira". Ou de Francisco Coelho de Figueiredo in Manuel de FIGUEIREDO - *Theatro*, 14 tomos, Lisboa, Impressão Régia, 1804-1815, t. XIV, p. 320 ss.. Cf. idêntica posição de Sousa Farinha, cit. António Alberto Banha de ANDRADE - *Verney e a Cultura do seu Tempo*, Coimbra, Acta Universitatis Conimbricensis, 1965, p. 259. Ou as referências de Eblon de Lima - *Os Oratorianos e a polémica da Gramática Latina no século XVIII*, Sep. Boi. Biblioteca Univ. Coimbra., 1981, n.º 36, p. 57 ss..

<sup>6</sup> Teodoro de ALMEIDA - *Recreação Filozofica, ou Dialogo sobre a Filozofia Natural, para instrução de pessoas curiosas, que não frequentarão as aulas...*, vols. I a VII, Lisboa, Off. Miguel Rodrigues, 1751-1768; vols. VIII a X, Lisboa, Regia Officina Typografica, 1792-1800 (com ligeiras alterações do título) 1.1, p. LVIII. Cf. também [DÂMASO, Joaquim] - *Vida do P. Theodoro de Almeida...*, cit., § 21. Era talvez esse o tempo "em que andava pelas casas dos fidalgos com huma pequena Machina Eléctrica como as de Tout le monde, e trabalhando nella os divertia com os seus tão prodigiosos com inexplicáveis effeitos... então passava o P. Theodoro entre elles por hum Neúton" (Anón. (Francisco de Sales?) - "Carta que se escreveu ao P. Theodoro de Almeida sobre a oração que recitou na abertura da Academia das Sciencias de Lisboa" in Christovam AYRES - *Para a História da Academia das Sciencias de Lisboa*, Coimbra, Imp. da Universidade, 1927, p. 104 ss.).

demais. Voltava-se para um público muito mais vasto que o das Academias e o das sessões científicas, como aliás o próprio título indiciava. Apresentava a Filosofia e as Ciências em diálogo e numa «linguagem acessível que não a das escolas»<sup>7</sup>, desdobrando frequentemente os conceitos mais complexos em exemplos, pequenas narrativas ou metáforas. E se na *Recreação* adopta certos aspectos dos sistemas filosóficos de autores ainda polémicos entre nós, como Descartes, Newton, Gassendi, Wolf e até Locke, proclama, acima de todo o valor da autoridade, o da investigação e o da sua própria forma de organizar as leituras. Não se coibindo de exhibir um ponto de vista pessoal, constrói uma argumentação retórica, preparada para deixar ir passando o que era novidade, retirando-lhe qualquer carga de heresia. O processo é quase sempre o mesmo: apresentar a inovação, legitimando-a com a tradição e com as *auctoritates* da *eudoxa*, a boa opinião.

Assim sendo, nunca renega o legado aristotélico que lhe fora transmitido por João Baptista, autor da célebre *Philosophia Aristotelica Restituía*, constatando - à semelhança de outros ecléticos - que o que disse Aristóteles é muitas vezes o que dizem os Modernos, ... e o contrário do que afirmam os seguidores de Aristóteles, ditos, por defeito, Peripatéticos. Nunca entra em conflito directo com as autoridades eclesiásticas. Vai esclarecendo que o Papa Benedicto XIV tinha aceite e mandado ensinar a Filosofia Moderna<sup>8</sup>, ou apresenta, por exemplo, o sistema de Copérnico como uma simples hipótese, e não como tese que adoptasse<sup>9</sup>. Repete, aliás, o mesmo estratagema de Galileu, ainda retomado pelos jesuítas Eusébio da Veiga<sup>10</sup> e Inácio Monteiro<sup>11</sup>.

Uma outra característica, bem reveladora da retórica de Teodoro de Almeida, é a contextualização da argumentação lógica-positivista numa argumentação aporética, metafísico-teológica. Todo o sistema causa-efeito se inclui na questão geral da *causa primeira* das coisas, não perceptível pela consciência histórica do ser humano. Sublinha as limitações do método científico, e a sua inaptidão para captar uma verdade apodíctica. Daí que, perante a incerteza de uma resposta, apresente como incluída no seu sistema científico uma solução teológica: "porque as perguntas batem sobre efeitos geraes, e primeiros; e estes não tem outra causa mais que Deos"<sup>12</sup>. Ou que apresente a sua ignorância como um facto mais científico do que uma hipótese. Vg., quando - no Livro VI do *Cursus philosophicus*, ao falar sobre a ligação entre "a substância branca do cérebro", a alma e o corpo - afirma estarem cientificamente

<sup>7</sup> Teodoro de ALMEIDA - *Recreação Filozofica....* Citamos aqui o prólogo de uma reed. posterior do tomo I, de 1778.

<sup>8</sup> Teodoro de ALMEIDA - *Recreação Filozofica*, cit., 1.1, p. 7.

<sup>9</sup> Teodoro de ALMEIDA - *Recreação Filozofica*, cit., t. VI, p. 235 e 276.

<sup>10</sup> Cf. António Alberto Banha de ANDRADE - *Vermei e a Cultura do seu Tempo*, Coimbra, Acta Universitatis Conimbricensis, 1965, p. 258.

<sup>11</sup> Este último, com uma ironia muito ousada, esclareceria sibilamente: "Até agora nem declarou a Igreja ou propôs como de fé a inteligência literal dos textos referidos [da Sagrada Escritura] nem o descanso da terra". Cf. Inácio MONTEIRO - *Compendio dos Elementos de Mathematica necessários para o estudo das Sciencias Naturaes e Bellas Letras*, Coimbra, 1754-1756, vol. II, p. 218.

<sup>12</sup> Teodoro de ALMEIDA - *Recreação Filozofica*, cit., 1.1, pp. 57-58.

ligadas estas duas últimas ("mas como não sei e digo que ninguém sabe"<sup>13</sup>), sem recorrer, portanto, a qualquer imaginária, mas aparentemente mais *científica*, «glândula pineal», como fora defendido por Descartes.

Sem se livrar das acusações de heresia, o êxito da *Recreação Filosófica* foi retumbante<sup>14</sup>, conhecendo edições e reedições em espanhol e francês. A ela se atribui a nomeação do Autor para a *Royal Society* de Londres. Sabe-se também do carinho com que a comunidade inglesa em Portugal, sobretudo no Porto, a acolheu, integrando-a mesmo nas leituras escolares de seus filhos.

O pendor pedagógico revela-se desde logo na simplificação da ortografia - segue de muito perto as reformas propostas por Verney, de aproximação da grafia à fonética, embora depois dos seis primeiros tomos da *Recreação...* retome a tradição etimológica, mais conservadora. Mas também nas estruturas sintáticas e semânticas. Os seus sermões - caracterizados por adoptarem retoricamente o "modo de pregar francês", eram a vertente parenética do novo bom gosto literário que ia conquistando os intelectuais portugueses da segunda metade do século e que se viam cada vez mais como anti-gongóricas, e às vezes *pour cause*, anti-castelhanas. Nos *Sermões*, não só por razões retóricas, fala no seu "pincel toscano" e, servindo-se do exemplo de S. Francisco de Sales, critica os sermões arrebicados e a pedagogia triste. Primeiro nos sermões da capital e depois no Porto<sup>15</sup>, teria mesmo sido ele o promotor em Portugal do chamado «estilo francês», que desejava agora «estilo português», afeito ao gosto da nação com o modelo de Manuel Bernardes.

<sup>3</sup> Teodoro de ALMEIDA - *Cursus philosophicus universam philosophiam continens...*, (Biblioteca Pública e Arquivo de Évora, cod. CXVIII/1-12 el3), Liv. VI, de dois tomos mss. que permanecem inéditos.

<sup>4</sup> No mesmo ano do aparecimento do tomo I, saíram ainda os tomos II e III, em 1757 o IV, e em 1758 já uma terceira edição do tomo I, seguindo-se-lhe várias e constantes reimpressões de todos os volumes ao longo da segunda metade do século, aproveitando-as não raro Teodoro de Almeida para introduzir alterações, actualizações e contra-argumentações às críticas de que ia sendo alvo. O próprio oratoriano parece não ter planejado a sua obra para uma tão grande divulgação, e foi alterando a sua estrutura ao longo dos anos. Barbosa Machado, assinalando estarem prontos para impressão o IV e o V tomos, afiança que com eles "se finaliza esta obra". No tomo VI, Teodoro de Almeida di-lo ser o último e "fim de toda a obra". Seguir-se-lhe-ão, toda via, ainda mais quatro volumes, máxime sobre Lógica, Metafísica, Teologia Natural e Ética, que hoje nos parecem totalmente distintos dos seis primeiros, concernentes sobretudo aos estudos das ciências naturais.

<sup>5</sup> Nas escolas dos Oratorianos, não era aparentemente dada atenção especial à Retórica ou à Poética. E se é confessada a admiração de Teodoro de Almeida pelo *Verdadeiro método de Estudar de Verney*, não sendo difícil de imaginar a convivência com Cândido Lusitano, também oratoriano, e autor de uma conhecida *Arte poética*, é ele próprio que diria amiúde pouco mais ter lido sobre a eloquência do que algumas reflexões num tratado de Rollin, sem dúvida o *De la manière d'enseigner et d'étudier les Belles-Lettres.*, servindo-se, para formar o novo "estilo português", de alguns livros do P.e Manuel Bernardes. "Ainda então [1745] prevalecia o costume de pregar pelo methodo antigo, em que se formavão os discursos tecidos de conceitos, ou pensamentos agudos, reparos, soluções, tudo tirado bem, ou mal, da Sagrada Escritura, e dos comentadores. Por este methodo pregou o P. Theodoro alguns dos seus primeiros sermões; mas como aquele methodo era inteiramente opposto e contrario ao seu gosto e às suas luzes, elle foi dos primeiros, que o abandonou, e começou a pregar segundo o estillo, que hoje [1830] se segue. Logo o seguirão os mais padres da Congregação, e depois aos pregadores das outras congregações e comunidades religiosas, e se pegou o exemplo às outras cidades, e provincias do Reino, de sorte que em breve tempo se vio o púlpito reformado em todo o Portugal." (DÂMASO, Joaquim] - *Vida do P. Theodoro de Almeida...*, cit, Ms. ANTT, § 15 e ainda § 18).

O terramoto de Lisboa de 1755 virá abalar esta vivência, mais ou menos idílica. Os cataclismos geram sempre convulsões que assumem as formas mais diversas, desde o boato à revisão da consciência e do pensamento, e Teodoro de Almeida não escapará a consequências vívidas do sismo. Foi testemunha ocular da exuberância do mal e da destruição. Vê, comovido e impotente, arrasada a sede dos Oratorianos, no Espírito Santo, e a sua vida salva miraculosamente. Assiste a factos que indelevelmente o levarão a reflectir sobre a justiça e presença da mão do divino no palco da história humana. Será ainda impressionado por estas imagens que escreve *Lisboa destruída*, mantida em manuscrito e revista ao longo dos anos. Vai burilando o texto e só acabará por o editar em 1803, quando se não publicavam já obras sobre o terramoto.

Uma das razões da publicação, tão tardia para um texto aparentemente circunstancial, parece-nos óbvia: não se viaja, por entre as cortinas da sua caleche, a peruca do Marquês, percorrendo Lisboa<sup>16</sup>. Outra razão a evocar poderia ser, em 1803, o novo contexto histórico, a iminência das invasões francesas, qual novo cataclismo que anunciará nova ordem e novo caos, a uma sociedade tão grata já à estética das ruínas e ao *topos* da fragilidade. Mas outra leitura possível seria ainda o carácter não-circunstancial da obra: *Lisboa destruída* representaria uma primeira conceptualização literária do *providencialismo* que, em matéria teológica, aparecerá sobretudo em obras posteriores.

A vida se vai encarregando de lhe pôr a teologia à prova. A 15 de Julho de 1760, encontram-lo já desterrado no Porto, onde lhe fora fixada residência<sup>17</sup>. Oito anos por lá permaneceu, granjeando amizades, fazendo afluir o público aos seus sermões e continuando

<sup>6</sup> Malagrida ou o Cavaleiro de Oliveira eram avisos providenciais. Teodoro de Almeida não cometera semelhante imprudência, tanto mais que era íntima e conhecida a sua amizade com a família dos Távoras, presos logo em 1758, na sequência de um atentado ao Rei, e depois liminarmente (in)justiçados. Tinha dado lições particulares a um dos filhos do Marquês, ao jovem D. José, e a própria D. Leonor de Almeida lhe tinha submetido à crítica uma tradução que estava fazendo de uns sermões de Bortaldu. "Crível he que não foi sem especial Providência do Ceo que o P. Theodoro escapou da horrível tempestade que sobre aquella familia cahio [...] e bem mostrou o Ministro de Estado quanto lhe pezou de o ter poupado, pois diria tendo-o desterrado, que o P. Theodoro era hum Malagrida pequeno." ([DÂMASO, Joaquim] - *Vida do P. Theodoro de Almeida*..., cit. Ms. ANTT, §18).

<sup>7</sup> Cf. António Alberto Banha de ANDRADE - *Vemei e a Cultura do seu Tempo*, Coimbra, Acta Universitatis Conimbrigensis, 1965, p. 331, p. 428 e *passim*, citando um texto em que Pombal acusa os oratorianos, e Teodoro de Almeida explicitamente, de corromper a mocidade da corte. Baseados nas suposições de Gramosa (e por ter ocorrido simultaneamente com o desterro de outros oratorianos e seus amigos, Chevalier, João Baptista, falecido logo no ano seguinte, Clemente Alexandrino...), calculam uns que se tratava de um plano de vingança de Pombal. A esta má vontade do Marquês não teria sido também estranha a amizade de Teodoro de Almeida com o Bispo de Coimbra, D. Miguel da Anunciação, preso por Pombal pelo seu anti-regalismo e suposta simpatia pelo espírito dos jacobinos. Segundo outros, a grande culpa dos nomes maiores dos oratorianos de Lisboa seria o não terem secundado os ideais regalistas, criticando o *Tratatus de fncircumscripata potestate regis* (1760) de Ignácio Ferreira do Souto, verdadeiro manifesto ofício do pombalismo (Arthur VIEGAS - *O Poeta Santa-Rita Durão. Revelações históricas da sua vida e do seu século*, Bruxelles/Paris, Gáudio, 1914). A congregação corria então o risco de seguir o mesmo destino dos Jesuítas. Alvitram outros tratar-se de uma questão pessoal de Carvalho e Melo, despeitado pela recusa dos Padres do Oratório em aceitar as condições por ele impostas para a educação de seus filhos na casa das Necessidades.

a publicar a sua *Recreação Filosófica*, até ao VII tomo. Mas teriam sido precisamente uns inocentes elogios de João de Almada a seu primo, Sebastião José de Carvalho e Melo, que de novo viriam a atizar a vingança. Num manuscrito claramente autobiográfico, *Historia da fogida de Mis seno sahindo do Reino para escapar da perciguição* (de 1768), mas sem nomear explicitamente o perseguidor, afirma:

"Tinha já repausado a sanha, e ira/ Que ao princípio me tinha desterrado/ Vendo que eu qual cartucho anacoreta/ Só c'os livros fechado conversava./ Porém quando eu fiel ao ministério/ Comecei a tratar do que devia/ A mim mesmo, e a Deos; ou já pregando./ Ou conselhos de vida eterna dando:/ Quando soube que os povos em redondo/ Concorrião a ouvir minhas palavras/ Qu'as aldeias meus ditos estimando/ Abraçavão as luzes da verdade, / Outro foi seu sistema, outra vontade."

218

Só porque providencialmente o corregedor não deu de pronto curso ao mandado pôde Teodoro de Almeida fugir a tempo para Vigo. Sem papéis, sem haveres, embarca para San Sebastian, a caminho dos Países Baixos. Oito dias de viagem tão tormentosa fazem-no desistir da Holanda. Ficou-se pelo País Basco. Depois de escorraçado em inúmeras estalagens, é acolhido numa pequena comunidade de portugueses, onde abre missão, na quaresma de 1769. Mas uma carta de Pombal ao Primeiro Ministro de Madrid obriga as autoridades bascas a conduzirem-no à fronteira francesa. Acaba por fixar residência em Bayonne, próximo da comunidade da Visitação. Ensina geometria, álgebra, e a sua afabilidade não o deixa ficar sem amigos. São eles que lhe valem, pelas duas vezes em que as autoridades da cidade recebem ordem de Paris para o expulsar de França. A *manus* não era já tão longa. Prossegue os seus projectos científicos, corresponde-se com Ribeiro Sanches, e de longe ajuda António Luís Carvalho a fundar em Lisboa uma escola para órfãos. Muda-se para Auch em fins de Julho de 1777, onde abrirá aula de física, geometria e geografia. Mas 1777 é o ano da morte de D. José, o ano da queda de Pombal, e a ânsia de voltar à Pátria fá-lo empreender viagem de regresso, no último dia daquele ano.

A Lisboa que encontrou era muito diferente da que deixara. O espírito da "Viradeira" fazia crescer como cogumelos os falsos mártires do pombalismo e as vinganças pessoais. Mas Teodoro de Almeida era um incorrigível conciliador, a ponto de alguns espíritos mais belicosos, como Beckford, o acharem de uma hipocrisia seráfica<sup>18</sup>. Talvez seja excessivamente deslizante para quem tinha garra afiada. Não disse mal de Pombal. Continuou amigo de Frei Manuel do Cenáculo, seu antigo condiscípulo e encarnação do período que se fechava. Conversava amiúde com o poeta e matemático José Anastácio da Cunha, agora sem a protecção de Pombal e desterrado nos oratorianos sob a acusação de deísmo e tolerantismo. Imitou o sábio Misseno, personagem principal do romance *O Feliz Independente*, que publicou então (1779): protege-se da Fúria da Vingança e agradece à Providência Divina o exílio, que lhe fizera conhecer a bondade e amável pedagogia das religiosas da Visitação...

<sup>18</sup> William BECKFORD - *Diário de ... em Espanha e Portugal*, 3ª ed, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1988, p. 48, p. 62 e *passim*. Cf. igualmente Marquis de BOMBELLES - *Journal d'un ambassadeur de France au Portugal*, 1786-1788, Paris, PUF, 1979, pp. 55-56.

<sup>9</sup> Cf. [DÂMASO, Joaquim] - *Vida do R Theodoro de Almeida...*, cit, §143.

Com o Duque de Lafões, e associados ao Visconde de Barbacena, ao R João Faustino e ao amigo de Thomas Jefferson, o Abade Correia da Serra, funda, em 1780, a Academia Real das Ciências de Lisboa, de que significativamente fez o discurso inaugural, em Julho de 1780. Começava:

*"Respire emfim Portugal, respire a nossa reputação, que nas Naçoens estrangeiras se acha tão injustamente oprimida, e com tão pouca razão vexada. (...) Quando lá fora casualmente aparece algum português de engenho medíocre, admirados se espantão como de Fenómeno raro: e como assim? (dizem) de Portugal? do centro da ignorância? assim o cheguei a ouvir. E onde estão os vossos livros? me perguntavão; onde os vossos Autores? as vossas Academias? os vossos descobrimentos? As gazetas literárias, que correm, guardão do vosso Portugal o mesmo silencio, que de Marrocos."*<sup>10</sup>

219

Começava mal. E certo que a ele, "engenho medíocre", tinha-se-lhe coberto a face de confusão "ouvindo estes injustos opprobios". Refere também lembrarem-se alguns estrangeiros de Camões, de Pedro Nunes, de Aquiles Estaco... Mas de pouco o protegeram. Pelo menos a avaliar por uma das catalinárias:

*"(...) V.R. hontem com a sua Oração deteriorou o seu credito, irritou aos seus sócios, escandalizou aos que o não erão, servio de ludibrio aos estrangeiros, e a todos de mofa, irrisão e desprezo."*<sup>21</sup>

Quem assim escrevia, assinava anonimamente *O Dr. que nada lhe escapa*. Mas escapa-lhe o sentimento de exílio que marca todo o texto de Teodoro de Almeida. Ser português no exílio, ou tão só português no estrangeiro é bem, como dizia Vieira, ter tido um palmo de terra para nascer, e todo o mundo para morrer - nenhum apoio, nenhum liame, parco reconhecimento alheio do valor da pátria.

Creemos que para compreender o texto de Teodoro de Almeida o temos de fazer dialogar com um outro, de José Anastácio da Cunha, o mesmo cientista desterrado nos Oratorianos com quem conversava, também ele exilado no país que era o seu. O manuscrito de José Anastácio da Cunha, *Notícias Literárias de Portugal*, que permaneceu inédito até 1967, quando foi descoberto por Joel Serrão no Arquivo do Rio de Janeiro, tem a mesma data do de Teodoro de Almeida: 1780<sup>22</sup>. Mas esse mesmo contexto histórico só vem corroborar outras aproximações possíveis entre Teodoro de Almeida e José Anastácio da Cunha, ambos cientistas, ambos também poetas. Ambos recolhidos na Casa dos Oratorianos: Teodoro de

<sup>20</sup> *Oração na Abertura da Academia das Sciencias...*, sem indicação de autor, da Biblioteca da Academia das Ciências, Ms. A 782. Foi transcrita na obra de Christovam AYRES - *Para a História da Academia das Sciencias de Lisboa*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1927, p. 97 ss..

<sup>21</sup> [S.a. ou pseud. O Dr. que nada lhe escapa] - *Carta que se escreveo ao P Teodoro de Almeida*, datada de 6/7/1780, criticando-lhe asperamente a oração por ele recitada na abertura da Academia Real de Sciencias de Lisboa, B.U.C., Ms. 340, fl. 45 e tb. B.N.L., Cod. 8058, fls. 31 a 35. Foi publicada na obra de Christovam AYRES - *Para a História da Academia das Sciencias de Lisboa*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1927, p. 104 ss.

<sup>22</sup> José Anastácio da CUNHA - *Notícias Literárias de Portugal, 1780*, pref., trad. e fixação de Joel Serrão, Lisboa, Seara Nova, 1967, correspondente ao Ms. da Coleção de Memórias, códice 807, vol. VIII do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

Almeida por devoção, J. Anastácio da Cunha por obrigação, num desterro que lhe fora sentenciado pela Inquisição, em 1778. O tratamento entre as duas personagens denota uma deferência que por vezes alude a gerações distintas, podendo, pelo menos o narratário, ser religioso. É o que se depreende dos vocativos «Mon Père», «Mon Fils» que por vezes aparecem no texto, sem que nunca se aluda a uma situação familiar. Existe mesmo uma referência explícita do narrador à novel academia a que pertenceria o narratário, parecendo desconhecer ainda o seu programa de estudo:

«A propôs: votre Académie s'occupe-t-elle aussi de généalogie? Ce serait, quant à moi, mal employer son temps.»<sup>23</sup>

220

O início do texto de Anastácio da Cunha parece até remeter directamente para o de Teodoro de Almeida, por este referir o elogio de alguns estrangeiros à obra de Camões, Pedro Nunes e Estaco. Se Teodoro de Almeida pronunciara ousadias, José Anastácio da Cunha escreve com a paixão das heresias e torna-as frouxas, uma vez mais conciliadoras:

«- Voas me demandez quels grands hommes les portugais peuvent nommer à côté de ceux que les sciences et les beaux-arts doivent à l'Italie, à la France, à l'Angleterre et à l'Allemagne: le catalogue ne sera pas bien long. Notre poete, l'immortel Camoens, mérite certainement d'être compté parmi les plus grands poetes du monde, anciens et modernes - Et voilà tout, car je ne veux point parler des vivants.

- Monfrs a donc effectivement lajaunisse, direz-vous; - car vous avez sans doute vu de graves personnages s'extasier en prononçant les noms des Teives, des Osórios, des Estaços, des Resendes, etc... Eh bien, pour vous contenter je vous dirai que nous eumes dans le seizième siècle (...) un bom géomètre, quelques bons litterateurs, quelques bons latinistes, de simples érudits, qui même dans un genre aussi subalterne n' occupent pas les premiers rangs.»<sup>24</sup>

Por tudo isto, cremos poder identificar o destinatário anónimo das *Notícias Literárias* como sendo Teodoro de Almeida. Embora pensassem e agissem de forma diferente, talvez a diferença não estivesse tanto no que pensavam. É importante também considerar que o texto de um era para ser lido a académicos e o de outro se destinava a permanecer manuscrito para um destinatário. Mas situavam-se no mesmo plano, quando em correlação com os *outros*, os académicos, os bem pensantes e nada actuantes. Estavam ambos exilados em Portugal e ambos, simbolicamente mais do que cripticamente, se exprimiriam amiúde em francês.

Os oratorianos perdem progressivamente a influência intelectual que tinham possuído, dividem-se em mesquinhas rivalidades internas. E a Academia nunca publicará a polémica oração de abertura de Teodoro de Almeida. Escreve e trabalha, infatigável, sem o enquadramento de uma escola, de uma academia, que estimulasse emulativamente o seu trabalho de religioso, divulgador científico, teólogo<sup>25</sup>. Tudo isto para além da constante actividade docente<sup>26</sup>.

<sup>23</sup> José Anastácio da CUNHA - *Notícias Literárias de Portugal, 1780*, cit, p. 58.

<sup>24</sup> José Anastácio da CUNHA - *Notícias Literárias de Portugal, 1780*, cit., pp. 36-38.

<sup>25</sup> Em 1783, publica os três tomos que serviriam de continuação à parte científica da *Recreação Filosófica*, as *Cartas Físico-Matemáticas*. De 1785 a 1793, dá à estampa os três tomos das *Physicae Institutiones*; em 1786, é reeditado o *Feliz Independente*, e, em 1787, os três volumes que reúnem alguns dos seus sermões,

Chegam de França os novos ventos do Terror, com todo o rol de ataques à religiosidade tradicional e ao clero: não o fazem esmorecer no Cientismo, ou até na Filosofia. Mas, coerentemente, para ele, a ilustração católica nacional teria de ser, antes de mais, católica. E por isso, antes de tudo estava a fé, a causa das causas, agora em perigo. Passa, pois, Teodoro de Almeida a sublinhar a impiedade dos iluministas revolucionários, e a dedicar os seus desvelos literários essencialmente a escritos de piedade religiosa. Até à sua morte, apenas dois textos - *Descrição do novo Planetário* (1796, saindo logo em 1797 uma edição actualizada, incluindo já o planeta Urano) e *Conclusões sobre os raios de luz e seus efeitos* (1796) - testemunharão ainda o seu interesse pelo progresso científico. As últimas obras são escritos antigos: *Cartas espirituais sobre vários assumptos* (1804) e a já citada *Lisboa Destruída* (1803). Atingido por doença, que o paralisa por completo a 10 de Abril de 1804, morre uma semana depois. Na Casa do Espírito Santo.

Da vasta obra que Teodoro de Almeida então nos legou, os géneros literários foram os que menos glória lhe trouxeram. Uma concepção restrita do conceito de obra literária dá-la-ia composta sobretudo pel' *O Feliz Independente do Mundo e da Fortuna* (a que associaríamos *Morte alegre do filósofo cristão* e *Vida alegre do filósofo cristão*), por *Lisboa destruída* e poemas publicados em apêndice, a que acrescentaríamos os manuscritos, hoje guardados na Torre do Tombo<sup>27</sup>. De todos eles, quase só se conservou memória de *O Feliz Independente*. Os manuscritos são em geral desconhecidos<sup>28</sup>.

bem como dois livros que escreveu propositadamente para as suas religiosas: um Método para a Geografia, e uma Preparação para a primeira Comunhão. A sua actividade como confessor é tal e tão prestigiada que William Beckford, no seu *Diário*, di-lo confessor de "metade das mulheres importantes de Lisboa".

<sup>26</sup> A 6 de Setembro de 1794, contava ele já setenta e dois anos, ainda a *Gazeta de Lisboa* anunciava a abertura na Casa do Espírito Santo da Congregação do Oratório de um novo curso de Filosofia do P.e Teodoro de Almeida. Vai ainda Teodoro de Almeida participar numa polémica com Silvestre Pinheiro Ferreira, à época jovem aluno do Oratório, a propósito da origem das forças vivas. E embora se saiba muito pouco sobre a posição de ambos, por faltarem os textos, entretanto perdidos, opina José Esteves Pereira que a polémica em causa pode ter servido de pretexto para o abandono da instituição por parte do segundo, tendo o primeiro provavelmente assumido o papel de representante oficial da filosofia da Congregação, ainda de pendor aristotélico-tomista, com as actualizações gassendo-cartesianas e lockeanas. Cf. PEREIRA, José Esteves - *Silvestre Pinheiro Ferreira. O seu pensamento político*, Coimbra, Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras, 1974, pp. 3 e ss. E ainda DIAS, J. S. da Silva - *O ecletismo em Portugal no século XVIII. Génese e destino de uma atitude filosófica*, Sep. da Revista Portuguesa de Pedagogia, Coimbra, Ano VI, 1972, maxime pp. 16-18.

<sup>27</sup> *História da Fogada de Misseno, sahindo do Reino para escapar da sua perseguição (1768), um Drama Para a Festa do Nascimento do Menino Deos (1767)*, bem como algumas décimas, oitavas e sonetos, de temática essencialmente religiosa (v.g., *Descrição da Queda do Homem, Da beneficência de Deos...*), filosófica (sobre a Providência ou Felicidade,...) ou autobiográfica (*De hum Mestre ensinando hum seo Discípulo, De num Filósofo que não pôde dormir com o sentido em numa disputa que teve...*).

<sup>28</sup> Permanecem inéditos: "Cartas" (B.P.E., mss. CXXVII/2-14, n.º 54 e n.º 55). "Cursus philosophicus...", tomos segundo e terceiro (B.P.E., Cod. CXVIII/1-12 el3); "Drama para a Festa do Nascimento..., 1767" (A.N.T.T, Mss. Livraria, 1675-4, 2 cópias); "Elogio do P. Pedro de Carvalho..." (A.N.T.T, M. Censória, Cx.<sup>a</sup> dos Oratorianos); "Galeria Poética" (A.N.T.T, Liv. 1675-6); "Historia da fogida de Misseno... Em 1768" (A.N.T.T, Liv. 1675-3); "Historia da Fundação das Religiosas da Visitação... em 1784», de 1793" (Arq. do Mosteiro de Visitação, da Batalha); "Mem. sobre a natureza do sol" (B.A.C., Ms. 377-1); "Mem. sobre a natureza da luz.." (B.A.C., Ms. 377-2); "Mem. sobre uma maquina para conhecer a causa fysica das marés" (B.A.C., Ms.

Se não estamos certamente perante um genial poeta injustamente esquecido (são frequentes as inabilidades de versificação e uma ordenação sintáctica algo caótica), os seus poemas não deixam de ter, pela abundância e minúcia de elementos, pelo exercício de paradoxos e antíteses, um inegável valor documental e estilístico, devendo ser considerados, quanto mais não seja, nos estudos sobre a temática ou tópica argumentativa do autor. Mas vale a pena sobretudo ler, sem pré-conceitos, um romance como *O Feliz Independente*.

São muitas as ambiguidades da obra que sempre se reflectiram no extremismo das leituras. *O Dr. que nada lhe escapa* afiança que "*Portugal está de modo, que ainda não encontrei Portuguez algum de gosto, que pegando no seu livro do Feliz Independente para o ler acabasse sequer o primeiro livro; (...) o mesmo me tem asseverado alguns estrangeiros eruditos com quem falio.*"

Como explicar então tantos masoquistas nacionais que asseguraram as múltiplas edições até à segunda metade do século XIX (1779, 1786, 1835, 1844, 1861). E as traduções, publicadas em França, já em 1820? Ou em Espanha, onde, quando o obra ia em duas edições em Portugal, lhe tinham já preparado quatro, parafraçando-lhe Merino o título em *La mujer feliz*<sup>4</sup>

Nos nossos dias, se não nos assustarmos de imediato com os três longos volumes que o constituem, constataremos talvez que perdemos já sensibilidade para apreciar tanto estranhamento numa obra literária, como se estivesse além do nosso horizonte de espera: estranhemos a familiaridade do título numa obra com pretensões teológicas, filosóficas, científicas; a prosa num texto que é dito épico; a classificação de epopeia num texto que hoje denominamos romance, sendo o assunto um relato da iniciação filosófica, feita por Misseno, um rei-eremita, a dois irmãos, o Conde Morávia e Sofia, ambos descontentes das alegrias terrenas e em busca da felicidade duradoira.

Sobressaltam-nos teoricamente estas ambiguidades de estruturas tópicas e genéricas que, apesar de toda a teorização em contrário, com pelo menos dois séculos, acreditamos estáveis ou com uma coerência fixa: temas literários vs. temas não-literários; epopeia-mundo rígido vs. romance-mundo em crise; antigo-regime vs. modernidade; neoclassicismo vs. romantismo... Descobrimos que estas nossas antíteses contêm metáforas incómodas, feitas de continuidade.

O romance nova face da epopeia, género transformado noutra, o romance uma actualização da epopeia?... Como um antropólogo que descobre o elo que faltava entre duas tipologias, reparamos mais atentamente nas várias versões do poema. De rima a verso solto, do verso solto à prosa. António Pereira das Neves adverte-nos para essa continuidade do modo narrativo quando, em 1786, ao prefaciá-la a segunda edição do *Feliz Independente*, para nele justificar a inovação da prosa no género épico, se insurgia contra os críticos surpreendidos e desagradados: "*E em que verso deveríamos hoje escrever uma Epopeia? em verso rimado?*"

---

377-4); "Mem. sobre a rotação da lua" (B.A.C., Ms. 352-4); "Orações da primeira e última conferência de filosofia experimental. 1757" (B.N.L., Res. Cod. 8608, fls. 82-87, fls. 87-88); "Oração que disse... no principio das conferências de filosofia no ano de 1756" (B.A., Mss. 49-1-42, n.º 17); "Oração que disse ... na despedida das conferências de filosofia no ano de 1756" (B.A., Mss. 49-1-42, n.º 18); "Orasam que se recitou na primeira conferencia na fisica experimental na Casa de N. Sr<sup>a</sup> das Necessidades" (A.N.T.T., M. Censória, Cx.<sup>a</sup> dos Oratorianos); "Sermoens" (A.N.T.T., Liv. 2411).

A única versão que conhecemos e se encontra publicada, é em prosa. Desapareceram as duas primeiras, eliminadas pelo autor. Insatisfeito com o verso rimado, depois com o verso solto, escolheria a liberdade da prosa, constatando que não raro a métrica o "obrigava às vezes ou a não dizer o que queria, ou a dizê-lo de outra maneira"<sup>29</sup>. O argumento era o mesmo do árcade Garção, quando, a meio do século XVIII, defendia o uso do verso solto contra o da rima: «*Se a rima como escravo te traz preso,/ Perdida a liberdade, ao duro cepo,/ Quebra as fortes cadeias; não é justo/ Que o contínuo zum-zum do consoante,/ Que o ouvido agita só, a alma não,/ Esfrie o fogo que na ideia nasce.*»<sup>30</sup>

Desta vez o argumento justifica o uso da prosa, contra o verso solto. Ruptura ou continuidade? E este *agitar da alma*, este *fogo que na ideia nasce*, este fascínio pelo significado, quase sempre em detrimento do significante, enquadramo-lo nós no espírito neoclássico ou no pré-romântico?

Cruzam-se em *O Feliz Independente*, como em outras obras do nosso autor, conflitos não resolvidos, paradoxos estéticos, criados em parte por nós, pela nossa perspectiva antitética, de leitores educados por determinadas pertinências distintivas, e em parte também por formarem, talvez naturalmente, uma conciliação de diferentes mundividências, de opostas necessidades literárias, filosóficas, culturais. Alguns leitores da época seriam certamente bem mais sensíveis que nós ao uso de uma mitologia cristã numa distante Polónia medieval, à utilização da prosa num poema dito épico, à verosimilhança indecorosa de «*lânguidos (...)* quartetos», e episódios tão provocantes, como «*o da filha do Governador saindo fora de horas contra a obediência de seu Pay (...)*, *a entreter-se amorosamente com Niceno (sic)*, *o Herói do Poema, a quem faz evadir às fúrias do Governador pelo plausível meio de o embarcar n<sup>o</sup> hum barco de cortiça, e por dentro de huma cloaca desembocar livremente no Atlântico*»<sup>31</sup>. Depois, os tempos mais românticos, acrescentando e sobrepondo na sua continuidade, se encarregariam de atenuar estes excessivos "estranhamentos" estéticos, criando outros desajustamentos: os leitores tornar-se-ão menos sensíveis a complexas explicações filosóficas ou religiosas nos romances, mais laicos e democráticos. Separarão mais frequentemente a Literatura da Filosofia e da Moral, a Ciência da Filosofia. Enfadar-se-ão com tantos discursos e conselhos, tanto domínio das paixões terrenas, com tanto e tão inverosímil decoro.

Periodologicamente, a época de Teodoro de Almeida, e muitas vezes a sua obra literária, são ditas "pré-românticas". Que é o nome que, não sem evidente polémica, se atribui às evidentes contradições e ambiguidades de um tempo de «transição» entre dois tempos que previamente delimitámos: um neoclassicismo, por norma excessivamente dogmático, e um romantismo, também por norma excessivamente fluido.

<sup>29</sup> Teodoro de ALMEIDA - *O Feliz Independente do Mundo e da Fortuna, ou Arte de viver contente em quaesquer trabalhos da vida...*, 2<sup>a</sup> ed., 3 vols., Lisboa, Regia Officina Typografica, 1786, Prólogo, 1.1, p. VI.

<sup>30</sup> Correia GARÇÃO - *Obras Completas de...*, fix., pref. e notas de António José Saraiva, Lisboa, Ed. Sá da Costa, s.d., 1.1, Epíst. I, p. 199.

<sup>31</sup> Sobre a acusação a estes "contos indecentes" feita por um crítico anónimo a Teodoro de Almeida, v. "Carta a T. de A. sobre a Oração que recitou na abertura da Academia"..., in Christovam AYRES - *Para a História da Academia das Ciências de Lisboa*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1927, p. 107.

Do espírito neoclássico (se podemos assim denominá-lo, sem aumentar os inconvenientes da designação, associando-a nomeadamente a um *Zeitgeist* determinante ou até determinista), acolheria Teodoro de Almeida a intenção moralista, mais do que moralizadora. Do espírito romântico, a tentativa de conciliação dessa verosimilhança idealizada, "fantástica", ditada pela moral, com a verosimilhança do real, quase "realista", a "icástica". Tal como, de resto, se verificará pelas críticas (já referidas) relativas aos episódios da donzela que desobedece ao pai, ou à fuga de Misseno por uma imensa cloaca.

De *neoclássico*, o Autor receberia a conformação aos modelos clássicos da epopeia numa roda de géneros que ainda não acolhia o romance. De *romântico*, a valorização da prosa, da acção sublime e patética mais do que virtuosa e contida. Neste contexto, se entenderá a definição de Poesia dada pelo R' António das Neves Pereira, para quem, actualizando sem dúvida o Pseudo-Longino, o estilo poético "*he huma maior plenitude de ideas, e de sentimentos, que fornece a imaginação, junto a hum certo colorido, e harmonia, que se acha na Bella Natura, e de que a simples natureza não necessita: he huma maneira de pensar, e de sentir, que distingue o espirito poético do filosófico, e do oratório*"<sup>2</sup>

Mas se lermos o prólogo da *Recreação Filosófica*, é a definição do espírito filosófico que encontramos com conotações semelhantes: "*Sem o estudo da filosofia olhamos para as creaturas e não vemos o melhor que nelas há; porque os olhos nos representam somente a casca, e a razão é a que penetra no interior, onde se descobre o mais admirável, o mais belo, e o mais agradável que há que ver em todas elas?*"

Nesta assimilação incindível entre o poético e o científico, entre o natural e o racional, o Autor deseja dar-nos a imagem não da "máquina do mundo", mas do "jardim do Universo"<sup>33</sup>. Ao contrário dos poemas épico-científicos de José Agostinho de Macedo, o nosso Autor não vê só a beleza da nova astronomia de Newton, em competição com a velha música das esferas. Como Friedrich Schiller, não concebe ele uma sem a outra: a Poesia é Filosofia. Por isso, nele, a Ciência se encontra intimamente ligada à Poesia, a ponto de, nas próprias metáforas e comparações literárias, se socorrer amiúde de um léxico e de imagens de índole científica. Mas até que ponto se pode dizer renegado um racionalismo filosófico? Onde começa o *Illuminisme* e acabam as *Lumières*!

<sup>2</sup> Do ponto de vista da teorização literária, é indispensável a leitura do "Discurso Preliminar" de António das Neves Pereira, que antecede a segunda edição de *O Feliz Independente...*, de 1786. É também recuperando esse mesmo contexto de valorização do estatuto literário, que se devem enquadrar as discussões setecentistas sobre poesia épica, prosa poética e as relações entre Poesia e História ou até a recuperação temática da poesia horaciana, como a imortalidade da arte e a superioridade da Literatura. Também a proliferação de novos géneros literários, como a poesia filosófica ou os louvores a uma Vénus Física, de inspiração lucreciana. Ou as hesitações de Teodoro de Almeida entre poesia rimada, verso solto e prosa num romance como *O Feliz Independente*, que inclui, aqui e ali, composições poéticas, painéis líricos, dramáticos, científicos, filosóficos, etc. Como se se desejasse para a Literatura um estatuto de totalidade, de universalidade, em que todas as leituras fossem perceptíveis com a Arte e pela Ciência, com o Significante, mas pelo Significado.

<sup>33</sup> Teodoro de Almeida, "Oração", na última conferência de Física Experimental, Ms. 8608, fl. 87v, cit. J. S. da Silva DIAS - *Portugal e a cultura europeia* (sécs. XVI a XVIII), Coimbra, Imp. da Universidade, 1953, p. 230.

Semelhante ambiguidade é visível na estrutura alegórica da narrativa. Se, no seu "poema", permanece fiel à necessidade de uma mitologia, recusa todavia a mitologia clássica e, não sem uma certa originalidade (não consideremos aqui se plenamente eficaz do ponto de vista estético), expõe-nos uma Mitologia do Sentimento. É certo que poderíamos ver no Anjo Protector da Polónia, que aparece por vezes a Misseno, o esboço de uma mitologia cristã, já utilizada até em outras estruturas épicas. Mas as demais personagens sobrenaturais são claramente alegorias de "paixões da alma": a Política, a Vingança, a Glória, o Interesse, o Amor - que conspiram para derrotar Misseno. Em que medida esta alegorização, muitas vezes justificada com os argumentos do decoro religioso - *as sociedades cristãs não poderiam ter uma mitologia pagã* - e depois ainda com a verosimilhança histórica - *as sociedades cristãs não tinham uma mitologia pagã* -, não se mesclam com as personificações dos sentimentos, o Amor ou o Ciúme, que, nos sonetos da época, são muitas vezes a metáfora dita romântica, ou pré-romântica, de um sentimento onnipotente, que domina e troça do indivíduo como os deuses dominam e troçam dos mortais?

Em Teodoro de Almeida, esta dualidade e oposição encontra-se ainda patente na consideração ambivalente da natureza. Ora a paisagem é causa de tranquilidade, de alegria, porque *imago Dei* e refúgio do sábio para as turbulências da corte<sup>34</sup>... Ora revela uma saturnidade lúgubre ou violenta dos elementos que dialogam, sem ainda se identificar, com a melancolia das personagens<sup>35</sup>. Ora se diria estarmos lendo a Horácio ora a Young.

Este tipo de painéis descritivos abundam, aliás, não só n' *O Feliz Independente*, como em muitas das composições poéticas do Autor, que lhes chama frequentemente "pinturas": "Pintura de huma grande trovoadas", "Pintura de huma bella madrugada", etc. Mesmo temáticas especulativas recebem título idêntico, como, por exemplo: "Pintura da Felicidade", "Pintura de hum Filósofo...", "Pintura de hum Poeta...". Não será de estranhar tal procedimento, dado que, para Teodoro de Almeida, ao bom modo empírico, se trata já, em certa medida, de poesia "científica", pela tentativa de descrever rigorosamente, e dado o devido corte epistemológico, um objecto<sup>36</sup>. Mas o que dizer do gosto que o romance toma, a partir do século XIX, não já apenas pela narração como também pela descrição? Não são semelhantes os procedimentos descritivos de uma trovoadas, n' *O Feliz Independente*<sup>37</sup>, em *Eurico, o Peresbitero*, ou no poema «A Tempestade», escrito também por Alexandre Herculano, quando atravessava a Baía de Biscaia, a bordo do navio Juno? Sendo distintos os semas sim-

<sup>34</sup> Cf. Teodoro de ALMEIDA - *O Feliz independente*, cit, v.g., 1.1, p. 34 e p. 69.

<sup>35</sup> V. a descrição de uma violentíssima trovoadas (Teodoro de ALMEIDA - *O Feliz independente*, cit., t. II, pp. 35-6), ou a de uma gruta medonha: "Alli não se vião senão fúnebres cyrestes, mato espesso, silvas enredadas e huma emmaranhada brenha. Alli se ouvia o mocho, gemendo sempre a compasso; alli habitava o feio morcego, e a coruja nocturna; alli grasnavão rans, silvavão as serpentes, e fervião todas as demais sevandijas; e no meio de todos estes horrores o meu coração embalsamado em melancolia, abafava, e não me cabia no peito." (Teodoro de ALMEIDA - *O Feliz independente*, cit., 1.1, p. 89).

<sup>36</sup> Corroborando o distanciamento radical que se procura neste tipo literário, o índice d' *O Feliz Independente...*, ao assinalar uma disputa, de entre as múltiplas existentes ao longo da obra, entre Misseno, filósofo cristão, e Ibrahim, filósofo muçulmano, diz somente: "Descrição de hum homem fora de si n'huma disputa".

<sup>37</sup> Cf. Teodoro de ALMEIDA - *O Feliz independente...*, cit., t. II, pp. 35-36.

bólicos ou a relação entre o indivíduo e a natureza, é idêntico o fascínio por uma mesma personagem, sujeita à leitura do homem, mas poderosa, arrebatadora: a Natureza. O objecto tornava-se sujeito. Talvez no mesmo processo em que, no sentido inverso, o sujeito se tornava objecto... Ruptura ou continuidade?

Trovoadas, grutas, cárceres, cloacas - tudo isso e o seu halo misterioso formam um gosto, uma ambiência, que vão encontrar no leitor romântico o seu natural e entusiasmado destinatário. Mas não o leitor romântico das *Viagens* de Garrett, antes o leitor romântico desse outro romantismo do Herculano de *Eurico*. Talvez não seja por acaso que os últimos leitores de *O Feliz Independente*, coincidam com os primeiros de *Eurico*<sup>TM</sup>.

226

O Conde de Morávia, qual romântico herói de mg. estrela, procuraria, ávido, riquezas e prazeres, nunca reftreando sentidos e paixões, não deixando nunca de ser perseguido por uma "nuvem negra" que lhe tolda a alegria; Misseno, mesmo enlevado pela filosofia da Providência, é dominado pela persistência incompreensível da Melancolia. Aliás, Misseno, funciona como um Super-Ego, quase um heterónimo de Teodoro de Almeida: desde aquele poema que em 1768 descrevia uma fuga de Misseno para o exílio.

Pode esta melancolia ser lida como se de uma melancolia romântica se tratasse. Mas cremos faltar-lhe o *mal-de-vivre* oitocentista: é desiludido mas não descrente. É uma *malaise* que coexiste com o elogio da virtude, da filosofia, da razão, com o domínio da paixão. Misseno, tal como Teodoro de Almeida, não descrê do conhecimento, muito embora saiba que ele é limitado: ainda lhe é possível imaginar a felicidade de um "delicioso" país da Razão<sup>39</sup>. Um império em que o Homem é factor de decisão, fautor da sua própria felicidade ou desdita, mas possuindo em si próprio as armas para, através do exercício das suas luzes, pela sua vontade, alcançar algum êxito na sua acção.

Delicia-nos uma confiança ingénuo ou genuína, quase de criança, que se conserva em Teodoro de Almeida. É que para ele a ciência é uma forma poética de viver, tal como a poesia é uma forma científica de ver. No "Drama para a festa do nascimento do Menino-Deos" (1767), um pastor não deixa de revelar que está com sono para viagens, ou que não pode afastar-se de suas ovelhinhas para ir em adoração, outro se maravilha com uma natureza de contos de fada em que as árvores despidas pelo Inverno desatam a florir, e as estrelas a iluminar como sóis a longa noite - tudo em pormenores de uma simplicidade vicentina, que o leva a tudo verter *para as crianças e para o povo*.

Verter em livro. Que o mundo de Teodoro de Almeida não o dispensa. Quiçá lembrando-se da seca frase de Descartes, que dizia ser "a leitura de todos os bons livros (...) como uma conversa com as melhores pessoas dos séculos passados", o nosso autor ficciona, pela boca de Sofia, com a propriedade e a autoridade que o nome da personagem lhe dá, esta belíssima Pintura:

<sup>38</sup> Sobre os leitores da obra no terceiro quartel do século XIX, Camilo CASTELO BRANCO - *Cancioneiro Aiegre*, Mem Martins, Ed. Europa-América, s.d., vol. II, p. 46. Cf., de Camilo sobre Teodoro de Almeida igualmente *Curso de Literatura Portuguesa*, 2ª ed., pref. Viale Moutinho, Lisboa, Ed. Labirinto, 1986, p. 213 ss.

<sup>39</sup> Teodoro de ALMEIDA - *O Feliz Independente...*, cit, t. II, pp. 93-113.

*"No meu gabinete tenho maiores delicias do que posso achar lá por fora. Nelle ajunto huma assemblea escolhida de pessoas, as mais bem instruídas nas sciencias, mais engraçadas na conversação, e mais distintas na eloquência. Ninguém me falta á hora que quero: tenho tal felicidade, que sem escandalizar a ninguém, só falia aquelle de quem eu faço mais gosto. Se estou em hora de gostar das delicias do Parnaso, tenho poetas admiráveis; se quero noticias de paizes remotos, sempre há quem me informe com miudeza e verdade. Se me recrea a História, tenho arte para fazer vir diante de mim os heroes mais famosos que produzirão os séculos: e que no curto theatro de minha casa representem os mais raros sucessos, que acontecerão no mundo»<sup>40</sup>.*

E até porque sabemos, da Literatura ou da História, que isto de narradores e personagens são seres de papel, podemos imaginar agora Teodoro de Almeida sentado no gabinete de Sofia. Ou ainda entre nós...

---

<sup>40</sup> Teodoro de ALMEIDA - *O Feliz Independente*, cit, t. I, p. 65.